

Claudia Murta*

Elementos para a construção das fórmulas da sexuação

As fórmulas da sexuação demarcam um importante salto na proposição lacaniana de criação de uma lógica nova. A fim de melhor percebermos sua elaboração, aproximamo-nos das importações que, para construí-las, Lacan faz às outras lógicas, tanto quanto da maneira singular como ele as utiliza¹.

De início, é conveniente observarmos os motivos pelos quais as fórmulas da sexuação afastam-se tanto da lógica de Aristóteles, quanto da lógica moderna. Lacan observa frequentemente o caráter linguageiro da lógica de Aristóteles pretendendo dele tomar distância. Contudo, ele se interessa ao que se transpõe da lógica de Aristóteles à lógica simbólica e mesmo ao que foi eliminado.

Em suas proposições, Aristóteles utiliza alguns prosdiorismos, por exemplo, “*pas*” e “*tis*” em grego, que significam, respectivamente, “todo” e “algun” em português. Lacan comenta no *Seminário* “D’un discours qui ne serait pas du semblant” que o “todo” e o “algun” são palavras que suportam certa ambigüidade.

Lacan insiste muito sobre o progresso da lógica e, para esclarecer sua insistência, no *Seminário* “Ou Pire”, ele utiliza um dos silogismos de Aristóteles: “todo homem é bom”; “alguns animais são homens”; “alguns animais são então bons”. Segundo Lacan, é criticável o fato da mesma palavra “homem” ser apresentada nas duas proposições, pois, neste exemplo, as duas ocorrências do termo “homem” são diferentes. Segundo ele, a expressão “todo homem”, em “todo homem é bom”, tem um estatuto de significante. Nessas condições, Lacan toma a frase do ponto de vista semântico e dá um valor muito diferente ao atributo “homem” inscrito na proposição “alguns animais são homens”, interpretando-a do seguinte modo: entre os ani-

* Doutora em Filosofia. Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo.

mais, alguns são homens porque eles habitam a linguagem e é somente do interior da linguagem que podemos falar de “bom”. Assim, é a palavra “bom” que, finalmente, é colocada em questão. A partir daí ele faz uma longa digressão sobre a noção de “bom” e conclui que “alguns animais são bons” “não se apresenta evidentemente, nessas condições, como uma conclusão simplesmente formal”.² A conclusiva de Aristóteles não é simplesmente formal, pois, aos olhos de Lacan, ela é relativa à linguagem natural. Assim, a palavra “bom” implica considerações filosóficas que ultrapassam a lógica.

Essa característica filosófica coloca em evidência, para Lacan, a marca de um discurso que não é neutro, o discurso do mestre. No texto de *L'étourdit* ele retoma esse exemplo escrevendo: “o estereótipo, segundo o qual todo homem é mortal, não se enuncia de um lugar qualquer. A lógica que o data não é essa de uma filosofia que envelhece tal nubilidade, isso para fazer álibi do que eu denomino discurso do mestre”³.

Mesmo percebendo que Lacan assinala, no silogismo aristotélico, a presença do discurso do mestre, podemos nos perguntar se o contexto dessas afirmações apresenta realmente o contexto dos silogismos de Aristóteles. Elaboramos esse questionamento em decorrência de uma referência feita por Jean Lukasiewicz em seus estudos sobre o silogismo aristotélico. Para esse autor, um silogismo como o que foi apresentado por Lacan não pode, de maneira alguma, ser um silogismo aristotélico.

Nas primeiras páginas do livro, *La syllogistique d'Aristote*, Jean Lukasiewicz explica que “Aristóteles não faz intervir em seu sistema nem termo nem premissa singulares”.⁴ Desse modo, a premissa citada por Lacan “todo homem é bom” não pode ser aristotélica, pois, senão, a premissa seria: “todos os homens são bons”. Jean Lukasiewicz afirma também que a palavra “então” não é formulada por Aristóteles em seus próprios silogismos.⁵ Lacan não presta atenção ao termo “então”, pois em seu exemplo ele expõe, inicialmente, a conclusiva com esse termo, logo em seguida, ele a comenta omitindo o mesmo termo. Finalmente, Lukasiewicz observa que Aristóteles tem o cuidado de formular a maioria de seus silogismos substituindo letras por termos concretos. Segundo esse autor,

Em sua exposição sistemática da silogística, Aristóteles não oferece nenhum exemplo de silogística em termos concretos. Somente as combinações não-válidas de premissas são ilustradas concretamente, com termos que, bem entendido, são universais: “homem”, “animal”, “cavalo”. Nos silogismos válidos, ao contrário, todos os termos são representados por letras, isto é por variáveis, por exemplo: “Se R pertence a todo S e se P pertence a algum S, então P pertence a algum R”⁶.

Assim, ao seguirmos o texto de Lukasiewicz, podemos colocar em questão o exemplo citado, a partir do qual Lacan sublinha o caráter linguageiro da lógica de Aristóteles. Além disso, sua conclusão, segundo a qual a lógica de Aristóteles não seria simplesmente formal, pode igualmente ser colocada em questão a partir do texto de Jean Lukasiewicz.

Segundo esse matemático, “lógica formal e lógica formalista são duas coisas distintas. A lógica aristotélica é formal sem ser formalista”⁷. Esta afirmação coloca em valor uma diferença entre as noções de formal e de formalismo. A noção de formal é relativa à forma de pensamento que foi representada em Aristóteles por suas leis silogísticas e, a noção de formalismo exige a adoção de um simbolismo inteiramente artificial. Segundo a definição de Lukasiewicz, o formalismo

exige que o mesmo pensamento seja sempre expresso pela mesma série de palavras exatamente, ordenadas exatamente da mesma maneira. Quando uma demonstração se conforma a esse princípio, estamos em condições de controlar sua validade, fundando-se unicamente em sua forma exterior, e sem se referir à significação dos termos que ela utiliza⁸.

Em face dos esclarecimentos de Lukasiewicz, podemos nos perguntar se, concernindo às referências de Lacan à lógica, é realmente importante saber a distinção entre um silogismo realmente aristotélico e um outro que não o é. Trazemos esta questão, pois no Colóquio Internacional oferecido pela Unesco em ocasião do 2300º aniversário da morte de Aristóteles, Lacan enuncia o seguinte:

Deve-se sempre dizer que o silogismo é sempre manquejante – em princípio triplo, mas em realidade

aplicação ao particular do universal. “Todos os homens são mortais”, então um entre eles o é também. Freud chega lá, e diz que o homem deseja⁹.

Não é nem mesmo possível colocar em questão que tal silogismo seja aristotélico. Em suas referências ao silogismo aristotélico, Lacan pretende, de preferência, marcar o caráter problemático da utilização aristotélica da universal “homem”.

A proposição “todo homem é branco” pode subentender que o “todo” satisfaz ao homem ou ao julgamento inteiro. Aristóteles desenvolve que “o termo *todo* não expressa o universal, mas apenas que o sujeito universal é tomado universalmente”.¹⁰ Pois, para ele, a diferença entre a universal e a particular é que esta última é uma proposição universal tomada particularmente. Segundo Lacan, o problema apresenta-se desde que dizemos “todo homem”, pois esta proposição porta um sentido. Quanto ao mais, Lacan menciona: “Na primeira emergência da lógica, há qualquer coisa que é notável, é a dificuldade, a dificuldade e o flutuamento que Aristóteles manifesta no que diz respeito ao estatuto do particular”.¹¹ Nesse momento, ele cita o artigo de Brunschwig sobre *La proposition particulière chez Aristote*. Segundo este autor, existem dois tipos de interpretações sustentáveis para a proposição particular de Aristóteles: um modo minimal e um modo maximal. De acordo com Brunschwig, essas interpretações mostram-se possíveis visto que, justamente, a constante lógica utilizada por Aristóteles tem um sentido natural. Assim, ele define a proposição particular minimal através da interpretação, “algum A *ao menos* é B” e, demais, a proposição particular maximal através da interpretação, “algum A *ao menos e ao mais* é B”. Para ele esta particular maximal porta características naturais. Assim, por conseguinte, ele pode dizer:

Aristóteles optou, sem sombra de dúvida, pela interpretação minimal da particular, mas esta escolha não parece ter sido efetuada de início com a plena exigência e implicações; as conotações maximais da particular “natural” exerceram sobre seu trabalho uma ação perturbadora .../... A particular “lógica” teve alguma dificuldade para matar a particular “natural”; mas ela terminou por conseguir¹².

A partir do comentário de Brunschwig, podemos observar que a ligação de Aristóteles à linguagem natural não é definitiva. Mas, tendo em vista as ambigüidades que podem incorrer, Lacan prefere utilizar, em suas fórmulas, quantificadores da lógica moderna e não prosdiorismos como “todo” ou “algum”. Para Lacan, a diferença está em que a lógica de Aristóteles é construída sobre a base de enunciados e de prosdiorismos e a lógica moderna é, a seu turno, construída através de escrituras e funções proposicionais que se distinguem de uma frase.

Frege é, também, uma das referências de Lacan, pois ele é reconhecido como sendo o primeiro a ter introduzido o uso moderno das variáveis e os quantificadores, o cálculo clássico dos enunciados, etc. Com Frege, a lógica clássica, que não havia progredido tanto depois de Aristóteles, toma um novo caminho ao distanciar-se da gramática das línguas naturais. Sua proposição da noção de função é fundamental para a promoção de um suporte de cálculos na lógica:

Os desvios em relação à tradição justificam-se pelo fato de que a lógica manteve-se até então muito estreitamente ligada à língua e à gramática. Em particular, eu creio que a substituição aos conceitos de *sujeito* e de *predicado* pelas noções de *argumento* e de *função* sustentará a prova do tempo¹³.

Graças a Frege, à estrutura gramatical da frase enquanto “sujeito, cópula, atributo” substitui-se uma outra estrutura fundada a partir de “função, argumento”. Para ele, a “função” é o elemento constante da frase que representa a relação, enquanto que o “argumento” é o elemento substituível. Assim, Frege anota, por exemplo, a função pelo viés de um símbolo como F e o argumento pelo viés de uma letra como A; nesse caso, ele anota a frase F(A) especificando que F é a função e A o argumento.

Para a construção de suas fórmulas da sexuação, Lacan toma emprestada essa formulação a Frege e escreve a função fálica, o F(x) ligado a um argumento (x), que representa o sujeito como ser sexuado; assim sua frase se lê: F(x). Esta função é essencial na composição das fórmulas da sexuação, pois ela é a escritura de base que assegura toda sua formulação. De fato, a base de seu raciocínio sobre a diferença sexual está fundada sobre uma única função, no lugar de duas. Segundo ele:

(...) $f(x)$ afirma que é verdadeiro – é o sentido que possui o termo de função – que é verdadeiro aquilo que se relaciona ao exercício, ao registro do ato sexual, releva da função fálica. É muito precisamente enquanto trata-se da função fálica, de qualquer lado que olhamos, eu quero dizer de um lado ou de outro, que alguma coisa nos solicita de demandar então em que os dois parceiros diferem e é muito precisamente isso que inscrevem as fórmulas que eu coloquei no quadro¹⁴.

Mesmo que Lacan tome emprestada a noção fregeana de função, ele não a utiliza da mesma maneira. Suas fórmulas não permitem a elaboração de cálculos. Em seu texto *Quantification et opérateur de Hilbert*, Jean Petitot comenta a utilização lacaniana da noção de função da seguinte maneira:

Definir $f(x)$ não como função, isto é, por seus valores, mas pelos modos de fazer argumento. Isso não faz sentido lógico. É mesmo um impensado radical do discurso lógico. Em lógica e em matemática, o fato que x faça argumento à $f(x)$ é rigorosamente sem efeito. Isso por causa de seu princípio de escritura $x = x$, que é o princípio de identidade, princípio que assegura a inalterabilidade de x como letra. É mesmo por que é rigorosamente sem efeito que x faça argumento à $f(x)$ que em lógica e matemática interessa-se apenas ao valor de $f(x)$ ¹⁵.

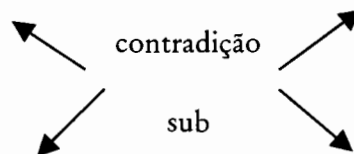
Eis aí um ponto muito importante do caminho de Lacan: de um lado, ele faz observações sobre o aspecto linguageiro dos silogismos aristotélicos, de outro lado, em relação aos seus comentários sobre lógica moderna, ele faz intervir um aspecto linguageiro que não existe nesta última. Assim, nosso percurso, através das referências de Lacan à lógica, permite-nos perceber uma certa distância mantida por Lacan em relação às lógicas já existentes. Esta divergência é tal que, segundo J. Petitot, suas formulações podem ser tomadas por uma espécie “de impensado radical do discurso lógico”. Nesta mesma via de interpretação, Andréa Loparic, em seu texto sobre *Les négations et les univers du discours*, anuncia que Lacan utiliza a linguagem lógica “violando as regras de sua gramática”.¹⁶ No entanto, para solucionar este problema, A. Loparic trabalha as fórmulas da sexuação criando um sistema, a partir da lógica “paraconsistente”, que satisfaz logicamente as fórmulas de Lacan.

Em lógica moderna, ao invés de escrever uma frase, escreve-se $f(x)$, onde x satisfaz à função f , podendo acrescentar-se a isso os quantificadores, \forall e \exists . Um quantificador define-se por ligação a uma variável. Existem variáveis livres e variáveis ligadas. Uma variável livre é substituível por uma outra mudando completamente o valor da fórmula; contudo, os quantificadores podem ligar as variáveis. As fórmulas de Lacan são fórmulas com variáveis ligadas.

O quantificador não tem nenhum sentido em matemática e em lógica; fato que marca uma diferença fundamental da linguagem comum. De fato, $\forall(x)$ não quer dizer nada, já que necessita de uma função complementar; mas, se dizemos “todo homem”, muitas evocações podem surgir. Eis a diferença entre os prosdiorismos de Aristóteles e os quantificadores da lógica moderna, motivo pelo qual Lacan prefere os últimos.

De todo modo, Lacan faz referência, para a construção de suas fórmulas, ao quadrado lógico, cuja origem pode ser encontrada no texto *De l'interpretation*, capítulo 7. Lá, Aristóteles explica as relações entre as proposições. Ele parte do princípio que “tudo o que afirmamos será possível negar, e tudo o que negamos, afirmar”.¹⁷ A partir daí, explica as relações de contradição, contrariedade e subcontrariedade. Para ele, a **contradição** se dá a partir da oposição entre as universais e as particulares implicando que: se uma dentre elas é necessariamente verdadeira, a outra é necessariamente falsa; a **contrariedade** se dá a partir da oposição entre as universais afirmativas e negativas, o que implica que elas não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo; a **subcontrariedade** se dá, por sua vez, a partir da oposição das particulares e, assim, elas podem às vezes ser verdadeiras ao mesmo tempo. A partir das indicações de Aristóteles, o quadrado construído foi o seguinte:

Universal afirmativa – contrária – Universal negativa



Particular afirmativa – contrária – Particular negativa

Lacan se refere a esse quadrado desde a época do *Seminário* “L’Identification”. No entanto, ele propõe guardar unicamente a contradição entre a universal afirmativa e a particular negativa. Segundo ele, “os dois outros termos são, no funcionamento da lógica aristotélica, secundários”.¹⁸

Na época do *Seminário* “L’Identification” as questões de Lacan se voltavam para a relação de oposição entre as universais e as particulares e a oposição entre as afirmativas e as negativas. Para esclarecer isso, ele utiliza a reorientação oferecida por Peirce às quatro proposições de Aristóteles. Peirce cria um quadrante onde ele articula, em um quarto de volta, as proposições de Aristóteles. Assim, cada proposição aristotélica vale duas das suas; por conseguinte, ele instaura um desdobramento a partir da articulação das fórmulas. Em seu texto sobre a “silogística de Aristóteles”, Peirce apresenta seu quadrante e comenta: “mas em meu sistema nenhuma das relações mostradas no diagrama de Apulée (o quadrado das oposições) são preservadas, salvo o par da contradição. Os outros pares de proposições podem ser verdadeiras ou falsas em conjunto”.¹⁹

Em 1971, Lacan retoma seu comentário sobre Peirce, a fim de manter a idéia que só há a contradição entre a universal afirmativa e a particular negativa. Mais tarde, em articulações do ano seguinte, Lacan mantém essa única contradição no lado masculino das fórmulas da sexuação.

Em sua proposta de construção das fórmulas da sexuação, Lacan guarda uma das contradições presentes na lógica de Aristóteles, retomando o quadrado lógico revisto pela lógica moderna sob a escrita dos quantificadores. Essa contradição, Lacan a mantém no lado homem de suas fórmulas, pois, segundo ele, é somente desse lado que podemos falar de universal. Para ele, podemos falar de “todo homem” a partir da existência de uma exceção a esse “todo”. Todavia, a grande novidade lacaniana situa-se na afirmação de que para o lado mulher não podemos dizer “toda mulher”.

Nesse contexto, devemos nos aproximar das contribuições de De Morgan. Em um artigo intitulado *Sur la structure du syllogisme*, primeiro ensaio para formalizar a lógica a partir de Aristóteles, De Morgan critica o estagirita afirmando que sua lógica é muito dependente do sentido das palavras. De acordo com ele, “Aristóteles é mais o porta-palavra da linguagem

comum, menos aquele do pensamento comum”.²⁰ Entretanto, na apresentação da tradução francesa desse texto, Parroquia observa que o tratamento lógico oferecido por De Morgan demonstra que ele mesmo não está inteiramente separado da linguagem natural.²¹ Constatamos, aqui, que a dicotomia entre linguagem natural e linguagem formal não é simples de discernir.

Em particular, De Morgan critica a noção de indeterminado em Aristóteles, isto é o termo indeterminado como não-qualquer coisa: em Aristóteles, “não-homem” seria um nome indeterminado. Assim, De Morgan protesta perguntando-se porque “não-homem” seria mais indeterminado que “homem”; para ele, não faz diferença. Seu raciocínio é o seguinte: quando falamos de homem, não falamos da coisa que está no mundo, falamos de alguma coisa, uma representação, mas são coisas que não existem. Ele critica Aristóteles quando este último utiliza o termo de predicado a propósito de coisas que existem. Então $x = \text{homem}$, não é mais indeterminado que $\text{não } x = \text{não-homem}$. Nessas condições, segue-se que podemos apreender o universo em relação a um só termo x que permite repartir o universo; isso também se dá em relação às coisas que não existem. Devemos sublinhar que Lacan se inspira nos progressos da lógica, mas que ele os critica, à medida que os percorre. Assim, ele afirma que o universo do discurso não existe, visto que, para ele, o Outro é barrado.

Certo esclarecimento pode surgir quando tomamos, por exemplo, a definição lacaniana das mulheres como “não-todas”, tentando encontrar o universo do discurso sob a distinção do homem como todo e da mulher como “não-toda”. Na construção lacaniana, isso não pode funcionar, tendo em vista que, a partir da definição que ele oferece da não-toda, nós não somos reenviados à idéia de homem, pois a negação da não-toda não prepara para a não-não-toda. Assim, em Lacan, nós não estamos em um universo do discurso tal qual foi construído por De Morgan.

Para Lacan, é fundamental perceber em suas fórmulas a diferença entre o que é universal e aquilo que não o é, seu “não-todo”. Lacan mantém esta diferença para mostrar “o não-valor da universal negativa”²², pois seu objetivo é de indicar a inexistência das duas universais. Segundo ele, o importante é demonstrar a não-existência de uma fórmula universal para mulheres. O conceito lacaniano de “não-todo” exclui tanto o

“todo” quanto o “nulo”, tendo em vista que a negação do todo, que é implicada no “não-todo”, não implica a afirmação de uma existência. O “não-todo” não se deixa confundir com a existência de uma exceção, pois tal exceção é localizada por Lacan no “lado homem”, lá onde pode haver um “todo”. Lacan trabalha também com o quantificador existencial e devemos nos situar diante de tal utilização.

Robert Blanché, em seu livro *Raison et discours*²³, estuda a diferença de relevância entre as universais e as particulares de Aristóteles e entre os quantificadores universal e existencial da lógica moderna. Segundo ele, em Aristóteles existe uma subalternação entre a universal e a particular, por um viés quantitativo de diferença de grau. Contrariamente ao que é enunciado na lógica moderna, universal e existencial são termos de natureza diferente, são heterogêneos. Nesse sentido, a universal da lógica moderna apresenta-se enfraquecida se comparada com a universal de Aristóteles, pois ela se define a partir da existencial. Lacan guarda esse enfraquecimento da universal, pois sua universal denota o possível e não o necessário como a universal de Aristóteles.

Em relação às fórmulas de Lacan, um dos pontos que as distingue das proposições da lógica moderna está centrado sobre a negação. No espírito geral da proposição lacaniana, as fórmulas da sexuação apresentam operadores que não engajam a negação clássica. Isso se especifica no operador do “não-todo”. Todo esforço de Lacan se concentra sobre a concepção de “não-todo” como diferente de uma simples negação de universal. O “não-todo” lacaniano, que vem identificar a posição mulher, não é redutível analiticamente à negação da universal como o é a particular aristotélica.

Se, como explica Lacan, o “não-todo” é outra coisa que a simples negação da universal, dito de outro modo, se o (x) é outra coisa que (x), que é a estrita negação do quantificador universal, o não-todo não é redutível à particular aristotélica.

Em certo sentido, o “não-todo” não é menos qualquer coisa, ele é um “dizer que não”, mesmo não sendo uma negação no sentido clássico. Assim, nesse sentido, a proposição de Lacan é de uma negação que não é clássica. Devemos observar que sobre esse ponto, Lacan faz referência a um enunciado de Aristóteles e comentando-o em *Télévision*:

Inicialmente se impõe para as mulheres essa negação que Aristóteles deixa de colocar sobre a universal, seja de ser não-todas, “**mi pantes**”. Como se, ao desviar da universal sua negação, Aristóteles não a rendesse simplesmente fútil.²⁴

Procurando esta referência em Aristóteles, nós a encontramos em *Da interpretação*:

Não é, de fato, **não todo homem** que se deve dizer: a partícula negativa **não** deve ser acrescentada ao **homem**, pois o termo **todo** não significa que o sujeito é universal, mas que ele é tomado universalmente²⁵.

Assim, Lacan toma como referência o “não-todo” formulado por Aristóteles, mesmo sabendo que Aristóteles o formula para melhor rejeitá-lo. Fazer uma referência ao texto de Aristóteles através da tradução francesa é um problema, já que em francês, língua natural de Lacan, existem duas palavras para a negação (*ne pas*). Deve-se sempre ter em mente a particularidade da língua francesa para pensar as fórmulas da sexuação, pois Lacan as comenta em francês e há todo um equívoco devido à complexidade da negação em francês.

Podemos observar que Lacan se interessa pela maneira segundo a qual os gramáticos consideraram a negação. Desde o *Seminário “L’identification”* Lacan faz referências à gramática de Damourette e Pichon intitulada *Des mots à la pensée*, na qual ele toma emprestados os termos: discordancial e forclusivo²⁶.

Para Damourette e Pichon, o discordancial surge quando o locutor introduz uma discórdia, por exemplo “*je crains qu’il ne vienne*” ou quando, na enunciação, uma palavrinha, aqui o “*ne*” expletivo, introduz uma vacilação. Para eles, o forclusivo é o que exclui, por exemplo, as palavras “.pas, .point, .jamais,” que, em francês, trazem o coração da negação.

Lacan utiliza a referência de Damourette e Pichon, mas, tanto a referência à Aristóteles, quanto à lógica moderna, ele as utiliza a seu próprio modo. Para precisar seu uso, ele toma um exemplo de lógica expondo que:

O “*pas un homme qui ne mente*” é do mesmo nível que motiva, que define todas as formas, as discordanciais, para empregar o termo de Pichon, que possamos atri-

buir ao “ne” desde o “je crains qu’il ne vienne” até o “avant qu’il ne vienne”²⁷.

Assim, Lacan coloca a concepção do discordancial sobre o “pas”. Ulteriormente, à época do *Seminário* “D’un discours qui ne serait pas du semblant”, Lacan articula o discordancial com o lado mulher das fórmulas da sexuação.

As fórmulas quânticas da sexuação são escritas com os símbolos da lógica moderna. Lacan as escreve com os quantificadores e, a função $_$, a variável (x) e também a negação (-) que é colocada como uma barra seja sobre os quantificadores, seja sobre a função $_$. Lacan faz uma diferença de interpretação sobre esses dois posicionamentos da negação. Para ele, a negação colocada sobre a função fálica que, em suas fórmulas, está colocado do lado homem, apresenta uma negação de tipo forclusivo. Contrariamente, as negações colocadas sobre os quantificadores apresentam, como já mencionamos, uma negação de tipo discordancial.

A lógica moderna se distancia da língua utilizando um único símbolo para a negação. Assim, a lógica moderna pode se passar das ambigüidades, questão mais difícil para o caso da lógica de Aristóteles. Deve-se observar que Lacan acrescenta à lógica moderna, outras ambigüidades que não são nem mesmo as de Aristóteles. Esse é um ponto de diferenciação entre a lógica de Lacan e a lógica moderna. Segundo ele,

É claro que não é porque eu usei uma formulação feita a partir da irrupção das matemáticas na lógica, que eu me sirvo do mesmo modo. E minhas primeiras observações vão consistir em mostrar que, de fato, o modo como eu as uso não é traduzível em termos de lógica das proposições²⁸.

A partir desta declaração, não podemos mais duvidar das intenções de Lacan em fazer algo de novo que se distinga da lógica existente. Devemos reter que a afirmação segundo a qual as fórmulas da sexuação não são traduzíveis em termos de lógica proposicional deve ser tomada como um princípio para abordar as fórmulas de Lacan.

Levantamos estas questões, pois a distância de Lacan, em relação às elaborações lógicas às quais ele se refere, pode nos indicar que a lógica que ele formula deve ser específica à psica-

nálise. Em 1966, J. A. Miller publica em *Cahiers pour l'analyse* um texto intitulado "Suture", levando como subtítulo "Éléments de la logique du signifiant". Esse texto abre a perspectiva segundo a qual a lógica lacaniana é própria à psicanálise. Segundo ele:

A considerar a relação desta lógica àquela que chamamos logiciana, percebemo-la singular pelo que a primeira trata da emergência da outra e que ela deve se fazer conhecer como lógica da origem da lógica – quer dizer que ela não segue suas leis, e que, prescrevendo sua jurisdição, ela cai fora da sua jurisdição²⁹.

Assim, mesmo que Lacan se refira à lógica clássica ou moderna, sua lógica não pode ser classificada da mesma forma que as outras. Deste modo, a lógica necessária à psicanálise não tem nenhuma necessidade de assumir as convenções de escrita suportadas pelas outras lógicas; sua escrita lhe é própria, assim como seus fundamentos³⁰.

Resumo

Neste trabalho pesquisamos alguns elementos que marcam tanto a proximidade, quanto o distanciamento do pensamento de Jacques Lacan em relação à lógica aristotélica e mesmo em relação à lógica simbólica. Em relação à lógica, aproximamo-nos de algumas elaborações, citadas por Lacan, de autores como Aristóteles, De Morgan, Pierce e Frege, a fim de podermos perceber o uso feito por Lacan de alguns pontos dos pensamentos desses mesmos autores.

Résumé

Ce travail presente la recherche de quelques éléments qui délimitent tant la proximité, que le distancement de la pensée de Jacques Lacan para rapport à la logique aristotélique aussi bien qu'à la logique symbolique. En ce qui concerne à la logique, nous nous aproximons de quelques élaborations, citées par Lacan, de auteurs comme Aristote, De Morgan, Pierce et Frege afin que nous puissions nous apercevoir de l'usage faite par lui-même de quelques uns de ponts centraux des pensées de ces auteurs.

Notas

- ¹ Ver sobre a construção das fórmulas da sexuação, Geneviève MOREL, *Séminaire Théorique: la différence des sexes*. Lille: Association de la cause freudienne, 1995.
- ² J. LACAN, *Le Séminaire*, livre XVIII, *D'un discours qui ne serait pas du semblant*, (1970/1971), inédito, sessão de 18 de maio de 1971.
- ³ J. LACAN, L'Etourdit. In: *Scilicet*, Paris: Seuil, n. 4, p.7, 1973.
- ⁴ J. LUKASIEVICZ, *La syllogistique d'Aristote dans la perspective de la logique formelle moderne*, Paris: Armand Colin, 1972, p. 21.
- ⁵ Ibid., p. 22.
- ⁶ Ibid., p. 27.
- ⁷ Ibid., p. 34.
- ⁸ Ibid., p. 35.
- ⁹ J. LACAN, «Le rêve d'Aristote» In : *Aristote aujourd'hui*. Etudes réunies sous la direction de M. A. Sinaceur à l'occasion du 2300^e anniversaire de la mort d'Aristote. 2. ed., Paris: Erès, 1988, p. 23.
- ¹⁰ ARISTOTE. «De l'interprétation» In: *Organon* (Trad. J. TRICOT). Paris:Vrin, ch. 7, 1994, p. 89.
- ¹¹ J. LACAN, *Le Séminaire*, livre XIX, *Le savoir du psychanalyste*, (1971-1972), inédit, séance du 3 mars 1972.
- ¹² J. BRUNSCHWIG, «La proposition particulière chez Aristote». In: *La formalisation – Cahiers pour l'Analyse*, Paris: Seuil, n. 10, 1969, p. 9 et 21.
- ¹³ FREGE, G. "Begriffsschrift". Trad. S. B. Diagne. In: *Logique et fondements des mathématiques – Anthologie (1850-1914)*. Paris: Payot, 1992., p. 102.
- ¹⁴ LACAN, J. *Le Séminaire*, livre XIX, ... *Ou Pire* (1971-1972), inédito, sessão de 8 de março de 1972.
- ¹⁵ J. PETITOT, «Quantification et Opérateur de Hilbert». In: *Lettres de l'école*, n. 21, aout / 1977, p. 108.
- ¹⁶ A. LOPARIC, «Les négations et les univers du discours». In: *Lacan avec les philosophes*. Paris:Albin Michel, 1991, p. 242.
- ¹⁷ ARISTOTE. «De l'interprétation» In: *Organon*, (Trad. J. TRICOT), ed. cit., p. 86.
- ¹⁸ J. LACAN, *Le Séminaire*, livre XVIII, *D'un discours qui ne serait pas du semblant*, (1970/1971), inédito, sessão de 17 de março de 1971.

- ¹⁹ PEIRCE, C.S. «La syllogistique d'Aristote» In: *Grande Logique*, Chapitre 9 – A, Le raisonnement explicatif. Trad. G. Morel et B. Kiahara. Lille : Association de la Cause Freudienne, 1995.
- ²⁰ A. DE MORGAN, «Le syllogisme». Trad. D. Parrochia. In: *Logique et fondements des mathématiques – Anthologie (1850-1914)*. Paris: Payot, 1992, p. 36.
- ²¹ D. PARROCHIA, «Introduction à l'article de De Morgan» In: *Logique et fondements des mathématiques – Anthologie (1850-1914)*, ed. cit., p. 31.
- ²² J. LACAN, *Le Séminaire*, livre XVIII, *D'un discours qui ne serait pas du semblant*, (1970/1971), inédito, sessão de 17 de março de 1971.
- ²³ R. BLANCHE, «Universalité et existence» In: *Raison et discours*. Paris: Vrin, 1967, p. 225.
- ²⁴ J. LACAN, *Télévision*. Paris: Seuil, 1974, p. 63.
- ²⁵ ARISTOTE. «De l'interprétation» In: *Organon*. (Trad. J. TRICOT), ed. cit., cap. 10, p. 109.
- ²⁶ J. DAMOURETTE, & E. PICHON, «La négation» In: *Des mots à la pensée. Essai de Grammaire de la Langue Française*. Paris: D'Artrey. Tome Premier. 1911-1927.
- ²⁷ J. LACAN, *Le Séminaire*, livre IX, *L'identification* (1961-1962), inédito, sessão de 17 de janeiro de 1962.
- ²⁸ J. LACAN, *Le Séminaire*, livre XVIII, *D'un discours qui ne serait pas du semblant*, (1970/1971), inédito, sessão de 17 de fevereiro 1971.
- ²⁹ Em um texto intitulado “Mathématiques avec Lacan”, Natalie Charroud, Psicanalista e Matemática utiliza o mesmo tipo de argumentação em uma resposta elaborada à crítica feita a Lacan por Alain Sokal e Jean Bricmont no livro: *Impostures intellectuelles*. Parte da argumentação de Natalie Charroud segue da seguinte forma: “a formulação de Lacan não se parece com uma definição matemática clássica, mas testemunha o modo através do qual o psicanalista conseguiu uma reapropriação efetiva de uma noção útil para seu próprio campo. (...) todos os ataques de Sokal e Bricmont repousam em certa precipitação, uma imensa má fé, e uma vontade de nada saber da psicanálise. No que concerne Lacan, suas conclusões são particularmente concernentes de arrogância e pretensão. O conhecimento matemático de Lacan está longe de ser “superficial”, ele sabia se cercar de matemáticos que lhe aportavam a garantia necessária em seus avanços; as propriedades que ele explorava não eram jamais falsas, mesmo se, aos olhos dos especialistas, elas são apresentadas sob uma formulação inabitual, fato que prova que ele lhes havia trabalhado e assimilado para fazer algo de pessoal, isso precisamente Sokal e Bricmont não suportam”. Esse texto de

Natalie Charroud foi publicado na revista de filosofia, *Sofia*, V. VIII, n. 9 e 10, *Psicanálise*, Vitória: EDUFES, 2002.

³⁰ J.A. MILLER, «Suture: Eléments de la logique du signifiant». In: *La Vérité – Cahiers pour l'Analyse*. Paris : Seuil, Travaux du cercle d'épistémologie de l'ENS, n. 01, 1966, p. 41.